

subjetividade, ela é agora uma subjetividade diferente - menos centrada sobre cada sujeito ou, se quisermos, mais passiva e anônima, irremediavelmente dispersa e sem lugar. (AA. VV., *A Phala/um século de poesia*. Lisboa : Assfrio & Alvim, 1989, p.158-178).

Confrontadas com a própria poesia (e guardadas as específicas proporções e espessuras), as palavras do crítico não podem sugerir a aceitação de um certo epigonismo? Ancorado no diálogo com a tradição literária, o discurso poético revela "hesitação entre um certo prosaísmo lírico e um purismo quase simbolista, não fosse o seu inegável tom narrativo", como assinala Luís Manuel Dias (*Românica*, 3. Lisboa : Cosmos, 1994, p.215). O que essa poesia segreda (para usar um verbo nela recorrente) não se coloca a serviço de nenhuma sexualidade ambígua, e sim como colóquio tímido e ansioso, às vezes desesperado, entre as miragens de *um coração ardendo* (p. 73) e as tormentas e afagos das estações - *...queria tocar-te/ não conseguia;/ a minha arte / sempre foi essa/ melancolia* (p. 86).

Edgard Pereira

Melo, João de.
O Homem Suspenso.
Lisboa : Dom Quixote, 1996,
217 p.

Após *Gente Feliz Com Lágrimas* (grande prêmio de Romance e Novela da APE, 1988), João de Melo (1949), poeta em *Navegação da Terra* (1980), contista em *Entre Pássaro e Anjo* (1987) e *As Manhãs Rosadas* (1991), autor de uma vasta antologia alusiva à guerra colonial (*Os Anos da Guerra*, 1988) entre outros títulos, retorna como romancista. E o faz com uma linguagem exuberante, de intensa atmosfera poética, próxima das situações extremas da tragédia e das ligeiras sutilezas da alegoria.

Sob o signo das revisões e exames de consciência de fim de século (e milênio), seu mais recente romance envereda pelas trilhas de uma irônica construção/desconstrução de uma identidade histórica portuguesa, cujos valores, ao desmoronarem-se, revelam sua granfítica estrutura. Disso certamente é metáfora o desencantado périplo do narrador pelas largas avenidas e ruelas de uma Lisboa em ruínas: *Penso nos séculos passados, perdido no tempo em que a vida portuguesa não era este vazio nem esta escassez de aventura, e depois volto à superfície da realidade. Agora não acontece nada em Portugal.* (p.32)

Antes do mais, registre-se o surpreendente retrato de uma cidade contraditória, almejando equiparar-se aos padrões da comunidade européia, sem (querer) camuflar a nostalgia de seu passado glorioso. Coexistem lado a lado, no súbito desnudar-se a que é submetido o narrador, o fas-

cnio pela melancolia e simplicidade da alma portuguesa e a desconfiança num progresso prometido pela aliança econômica européia. A descoberta da miséria ambiente progride à medida que o protagonista, pres-tes a ver reconhecida sua trajetória intelectual, se vê proscrito da relação amorosa pela esposa a quem não soube adequadamente amar. A parada nas relações conjugais implica o abandono da casa e a conseqüente busca de pensão onde morar : *Não sei onde começa a pobreza e termina a sua desordem, nem se uma e outra apenas se confundem na escuridão e na sujidade. Sei é que há vidas bem tristes, ofícios que mais parecem condenações, lugares horrendo onde ninguém, vivo ou morto, de certo gosta de estar.* (p.81)

A interrupção da rotina familiar propicia uma desordenada e afetuosa ocupação da cidade e de seu tempo, um tempo *vastíssimo, limpo, sempre muito belo* (p.20), contígua à avaliação da própria identidade e dos valores (religiosos, morais, ideológicos, políticos) da cultura portuguesa. A busca desesperada e inútil da fé adolescente num convento, de socorro na amante clandestina, a descrença nos projetos intelectuais, a partilha do abandono com um cão de rua, a descoberta do encanto *ferroso, encarvoado esquálido*, mas *digno* de fachadas lisboetas, a perda do sentido da origem com a morte do pai, o conflito entre a vida e a erudição, algumas amargas impressões sobre a Europa cristã, as falhadas tentativas de reconciliação com a esposa, o reencontro com a simplicidade aldeã e com irrealidade cruel de algum cotidiano, são etapas de uma dilacerante des-cida aos infernos.

A atualidade dos temas e das propostas institucionais, o alcance e o significado histórico de suas intervenções são questionados numa percepção crítica localizável - inscrita nas últimas palavras (*Escrito entre 19.12.1991 e 22.9.1995*) - ainda que pontuada no intertexto por citações da *Peregrinação*. É sabido que o texto de Fernão Mendes Pinto, escrito no heróico século XVI, na superfície um relato de viagens, constitui uma denúncia da ideologia das cruzadas, com uma crítica disfarçada, envolta em linguagem, como afirma Lélia Parreira Duarte, " numa perspectiva de quem aparentemente não compreende o que narra". (Cf. *Caminhos*, 7. Belo Horizonte : APUBH, 1993). O jogo intertextual com a *Peregrinação* seria um índice de crítica à globalização econômica, em curso nos países da CEE? Esse livro será o derradeiro elo do narrador com a cultura, lido em êxtase, *como lêem os crentes e os devotos, passando versículos e parágrafos, sentindo passar por aqui o frêmito da dimensão universal...*(p.31) Ao lançar ao Tejo sua tese de doutorado, livro *tão alto quanto o eram a consciência e a honra da minha dignidade acadêmica* (p.31), o narrador vê-se dividido: uma parte de si é levada pelas águas, *vai por esses mares navegando, chegará talvez às partes da Índia, e às outras todas da minha perdição...* (p.31). A outra parte resiste em terra, *com uma coita, com uma doença de amor no olhar* (p.37) diante do mar, com a *Peregrinação* e Lisboa diante dos olhos, duas mágicas ficções, as únicas por que vale a pena se prender e se perder.

Edgard Pereira

Resenhas - Págs. 271-278